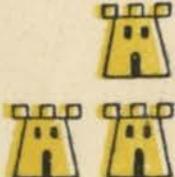


Annibal Soares



Chronica

do

Exilio 

PARIS

EMPRESA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"



# Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA	}	Anno . . . . .	Fr. 14
(Franco de porte)		Semestre . . . . .	7.50
Pagamento adiantado		Numero avulso . . . . .	0.30

## SUMMARIO :

*Os presos politicos e a sua maior culpa. O que é que lhes não perdoam os poltrões das sarrafuscas republicanas.*

*José Novaes. Uma !gnobil garotice.*



MARIOLAGEM demagogica, fardada e não fardada, que anda ha dois annos dando voltas ao bestunto para descobrir maneira de que os prisioneiros monarchicos a sintam ferrar-lhes o dente acima dos calcanhaes, é afinal d'uma monotonia, d'uma indigencia de recursos scenicos, que não desdiz da tosca boçalidade dos ensaiadores, e dos actores.

Cada qual, desde o ministro ao homem da escolta, ao infallivel *lobo de mar* do Arsenal, ao director da cadeia e ao carcereiro, quer ser um tyranno atroz ; mas faz sempre o seu effeito d'inquisidor de salto de prateleira, tresandando a carapau e a iscas, e meditando voluptuosos requintes de tortura somnolentemente, pelas tabernas d'Alcantara ou do Poço do Bispo, sobre um copazio do Termo.

Assim conseguem estes malandrins ser implacavelmente odiados sem chegarem sequer a ser temidos, e sem que as proprias victimas d'essa canalheta hydrophoba deixem em momento algum de poder vêr no seu algoz d'ocasião, por debaixo da contrafeita mascara de Torquemada, a face lorpa de creado de servir, aproveitando uma ephemera transposição d'hierarchias para *molhar a sua sopa* no patrão.

Agora, por exemplo, o meu inestimavel DIARIO DE NOTICIAS — unico jornal republicano que me

entra em casa, porque me parece valer por todos os outros juntos — informa, com um tão soberbo desdém pelos individuos turbulentos como pelas inoffensivas regras grammaticaes, que « em consequencia d'uns disturbios que ha dias se deram no presidio da Trafaria, e, segundo se diz, promovidos pelos individuos que, por terem sido accusados de conspiradores, foram julgados e quasi todos condemnados a pena maxima no tribunal militar do Campo de Santa Clara, e que ali se encontravam, foram esses presos, hontem, de manhã, removidos d'ali para a Penitenciaria de Lisboa ». Segue-se, por parte d'aquelle denodado paladino da ordem e da segurança social, a serena exposição de toda a série d'habituaes e minuciosas infamias com que a jacobinagem momentaneamente triumphante costuma afervorar nos prisioneiros monarchicos a decisão e o orgulho de não se confundirem com ella : a conducção nos carros cellulares, a sequestração dos presos ás suas familias, as brutalidades d'officiaes do Arsenal contra senhoras chorosas que não podem, como a marinagem pimpona, fazer-se respeitar pelos *eirós do mar* com uma *rasteira* e duas *escovinhas* ; depois o posto anthropometrico, a photographia, a cella solitaria...

Segundo tambem me dizem, um qualquer d'esses papeluchos jacobinos que servem permanentemente (e ainda bem !) de *valvula d'allivio* aos instinctos de vulgar criminalidade da chusma de naifantes que lá rabiscam, revelava que a transferencia d'aquelles presos se effectuou *para que elles tomem a cadeia a sério* — porque na Trafaria « á hora do recreio riam, brincavam e attentavam por todas as fórmulas contra o prestigio da Republica », segundo os mesmos ou outros matulões da imprensa do regimen.

. *Para que tomem a cadeia a sério* — comprehende o leitor? Comprehende por certo, desde que tenha em vista que os repugnantes escribas que hoje espumam de raiva impotente contra a nobre e admiravel coragem dos prisioneiros monarchicos, e os ministros e auctoridades que d'elles dispoem, são aquelles mes-

mos revolucionarios de bôrra, que mal eram apanhados em qualquer das suas timidas conspiratas contra a Monarchia e conduzidos por isso, sob complacente custodia, a confortaveis aposentos nos quarteis, logo começavam miseravelmete a denunciar-se entre si, a arrepear-se d'arrependimento, a solicitar por escripto ou por terceiras pessoas a misericordia de toda a gente, desde o ministro ao juiz e ao guarda da cadeia, tudo antes de darem tempo a que lhes viesse de casa nova andaina de roupa branca, por terem ficado subitamente fóra d'uso — como a alguns aconteceu no 28 de janeiro — as cuecas que vestiam no momento da captura.



O que os prisioneiros monarchicos estão soffrendo á furia esteril — e por isso mesmo crescente — da frandulagem que em Lisboa espinoteia pelas viellas, pelas redacções e pelas secretarias do Estado, não é tanto a pena dos seus *nefandos crimes*, como dizia o santissimo velhaço que continua presidindo a essa desenfreada vadiocracia. O que elles estão expiando é principalmente a abjecta cobardia que, nas horas difficeis, invariavelmente assaltava os mandantes de hoje, a quem a conducta altiva e serena d'aquellas honradas victimas inflige, lá do fundo tenebroso das suas masmorras, uma humilhantissima lição de coherencia, de valor e d'integridade moral.

Os vinte e dois presos monarchicos da Trafaria *não tomavam a serio a cadeia*. Isto quer dizer que embora sepultados nas enxovias d'esse presidio horrendo, todos elles, desde o neto dos Ficalhos até o soldado obscuro, o modesto agente de policia, o sapateiro, o latoeiro, o vendedor ambulante, souberam conservar intrepidamente a sua dignidade de homens, accetando com um estoicismo de valentes a situação que uma justiça cannibalesca lhes creou, em consequencia de reaes ou inventados actos revolucionarios, que lhes imputam. Não se pozeram a

entoar lamurias, nem a rojar-se aos pés de ninguem, nem o brio varonil lhes consentiu o regalarem com o espectaculo da sua consternação a corja de patifões de todas as categorias, que já antegosava o prazer de refocilar-se na feroz contemplação da dôr alheia, ou de se consolar das suas antigas e repetidas defeções por outras vergonhas analogas da parte dos resolutos monarchicos.

Como poderia perdoar-lhes esta calma e esta rijeza de animo o snr. Affonso Costa, que mal viu, nos meados de janeiro de 1908, começarem a effectuar-se prisões de correligionarios seus, implicados na trama revolucionaria que então se urdia, logo despachou mensageiros offegantes para junto de membros do governo — do governo franquista!... — com os mais ardentes pedidos para que o deixassem em liberdade, sob promessa solemne de ir para o Porto e de nunca mais em sua vida tornar a *brincar ás revoluções?*

Como poderia perdoar ao latoeiro e ao sapateiro humilissimos a sua maravilhosa impavidez nos lobregos calaboiços da Trafaria, aquelle mesmo actual Presidente do Conselho e antigo chefe revolucionario, que tendo faltado afinal ao seu compromisso (como de costume) e sendo facilmente agarrado por um policia no elevador da Bibliotheca, logo que chegou á commoda prisão que lhe deram a primeira cousa que fez foi lançar mão da penna e iniciar umas famosas Memorias, que depois vieram a publico, e onde entre invocações aos seus filhos e á sua familia — para lhes dar um cunho de sinceridade — affirmava da maneira mais pathetica que estava innocente, e que o « 28 de janeiro » não passava d'uma *pavorosa* imaginada pelo snr. João Franco para o comprometter?

Os « arrojados jornalistas » e « audazes revolucionarios » do genero d'um França Borges, que do quarto que nos Loyos lhe servia de prisão — mais limpa decerto e mais hygienica do que as pocilgas em que habitualmente chafurda — se desunhava em cartas férvidas e enternecedoras ao juiz d'instrucção

criminal, protestando a sua candida innocencia e pedindo para ella misericordia ao magistrado que enchêra pouco antes dos mais repugnantes insultos — podem acaso encarar sem upas de cólera e de despeito a valorosa conducta dos prisioneiros monarchicos, guardando na adversidade a grandeza d'animo dos fortes e desprezando tanto nos soturnos calaboiços como na liberdade o regimen, os seus homens e a abjecta justiça improvisada que os serve?

Em seguida ao regicidio, e emquanto o vilissimo traidor que ainda existe sobre a designação infamante de Ferreira do Amaral não deu a esse crime a approvação official e solemne da amnistia, não houve *truc* de que os implicados na revolta se não servissem para obter tal graça regia, ou appellando para o coração do Soberano, ou offerecendo á Monarchia transigencias e conluios, aliás no proposito deliberado de lhe faltarem. Alguns — quando ainda estava quente o cadaver de generoso Rei que elles tinham feito assassinar cobardemente — não se pejavam de o apontar como exemplo ao Senhor D. Manuel, exhortando-o nos jornaes a que perdoasse — porque *seu Pae tambem muitas vezes perdoára* !... Outros, como fazia no MUNDO o snr. João Chagas, envolvido n'esses mesmos acontecimentos, appellavam desesperadamente para os chefes monarchicos, n'um novo genero de *chantage*, offerecendo-lhes em troca da amnistia a paz e o appoio do partido republicano.

Era um medo, era um *tomar a cadeia a serio*, que os levava ás maiores abjecções, ás maiores baixezas, as maiores miserias e a todas as concessões e apostasias necessarias para a evitarem. Póde essa matilha de fraldiqueiros tolerar agora de boa-mente que os prisioneiros monarchicos — vivendo aliás sob um regimen presidiario *que não tem igual no mundo culto para delinquentes politicos* — ainda não julguem dever tomar essa tortura de cada dia e de cada hora bastantemente... a *serio* para lhe immolarem aquillo que os mais notaveis « revolucionarios » republicanos — os presidentes de conselho, os ministros, os diplomatas,

os altos funcionarios de hoje — sacrificavam sem hesitar á primeira ameaça e ao primeiro rebate de susto : a sua consciencia, a firmeza dos seus principios e a sua dignidade de homens?

Quando, em 1910, o juiz d'instrucção descobriu a « carbonaria », fez annunciar n'um jornal (por signal o meu inestimavel DIARIO DE NOTICIAS) que aquelles dos filiados que fossem apresentar-se e dizer o que soubessem seriam, como de lei, deixados livres e em paz. Desde logo e quotidianamente começou desfilar pelo gabinete d'aquelle magistrado uma interminavel *bicha* de « carbonarios » façanhudos, que iam sollicitamente denunciar os seus consocios, e cujos nomes o mesmo NOTICIAS dava a publico no dia immediato ; a ponto tal que a temivel « carbonaria » não teria decerto podido cumprir os gloriosos destinos que lhe estavam reservados, por se delatarem uns aos outros os « carbonarios » todos, se mandando pôr pedra no processo lhe não acode a tempo Teixeira de Sousa, o segundo dos dois traidores entre os quaes oscillou o reinado do Senhor D. Manuel, na sua primeira phase.

Como não hão de estes malandrins odiar do fundo das suas esverdeadas entranhas os actuaes detidos politicos, cuja assombrosa integridade moral é das raras coisas verdadeiramente bellas e respeitaveis que ha muito tempo se teem visto no paiz, porque nem na instrucção dos seus processos, feita aliás por magistrados inteiramente destituídos d'escrupulos, nem nos julgamentos, effectuados quasi todos pelos patiforios dos tribunaes marciaes, nem nos longos e horrorosos captiveiros, surgiu ainda uma denuncia com os caracteristicos amoraes d'este acto, quer dizer uma revelação consciente e propositada que possa prejudicar outras pessoas, tendo tido que contentar-se os esbirros da Republica com uma ou outra meia-palavra arrancada á inadvertencia ou á ignorancia d'algun prisioneiro mais inculto ?



Admiravel coisa, e satisfatorio confronto com os poltrões de todas as categorias perante os quaes se encontrava outr'ora a justiça monarchica, em occasiões de *sarrafusca* revolucionaria !... E tanto mais admiravel se cotejamos a situação social e as responsabilidades intellectuaes e partidarias d'uns e d'outros.

Que Francisco Costa, que D. Vasco da Camara, nas questões em que o seu pundonor está em jogo, procedam d'uma maneira diametralmente differente da do actual chefe do governo quando este era apenas um revolucionario em calças pardas, isso comprehende-se e não espanta ninguem. Um Ficalho sempre é um Ficalho, um Belmonte sempre é um Belmonte, e o snr. Affonso Costa é sempre o neto... do *Gajo da Clara*, ou pelo menos, e mais seguramente, da *Clara do Gajo*. Esta obscura e indefinida linhagem não o obriga a nada, nem ao salutar preconceito aristocratico de manter a altivez e o brio d'uma raça, nem á igualmente benefica preocupação burgueza e plebeia de sustentar impolluta a reputação d'um nome de familia certo e determinado.

Os *Gajos* são infelizmente demasiado numerosos no passado e sobretudo no presente, para que se ouse indicar com precisão quaes os que teem com o snr. Affonso Costa affinidades de sangue ; e sejam elles quaes forem, pode-se d'antemão assegurar que essa prolifica e multiplicada estirpe se encontra perfeitamente satisfeita com os procedimentos do seu actual e mais insigne representante na politica republicana.

Mas entre os tres a quatro mil captivos cuja alevantada conducta tem merecido a respeitosa admiração do paiz e provocado a ira rancorosa e vã dos seus miseraveis algozes, não estão apenas os descendentes d'algumas das mais illustres familias portuguezas : está o artifice, está o soldado, está o agente de policia, está o commerciante minuscuro, está o operario, está o cavador da terra, de todas as idades. E todos elles, na proporção da sua cultura e do seu temperamento, se teem havido imperturbavelmente com igual nobreza, com igual probidade, com igual indif-

ferença aos proprios soffrimentos, com igual sobran-  
ceria deante da macacagem mais ou menos feroz  
que lhes apparece sob os disfarces de ministros,  
juizes instructores, julgadores marciaes, carcereiros,  
commandantes d'escoltas, heroes do Arsenal e « car-  
bonarios » em colera.

Como é então que para o caso d'estes ultimos se  
explica a estranha differença que tenho assignalado?



Explica-se em primeiro logar pela *qualidade* dos  
presos monarchicos e dos antigos presos republicanos.  
A *selecção invertida* que desde ha muito vinha ati-  
rando para o partido republicano em Portugal o  
refugo dos caracteres não se verificava apenas nas  
camadas superiores. A cada Affonso Costa, a cada  
Barreto, a cada Camacho, a cada Djalme, a cada  
França Borges, a cada José de Padua, etc., corres-  
pondiam no sub-solo, como radiações d'aquelles  
mesmos, umas quantas centenas d'outros meliantes,  
nem melhores nem peores do que os que ficavam á  
vista, somente destinados pelas contingencias da for-  
tuna a *operar* n'um meio social mais obscuro e até  
certo ponto differente.

Já recordei n'um numero anterior d'esta CHRONICA  
que nos ultimos tempos da Monarchia quasi todos os  
vagabundos apanhados nas rugas da policia traziam  
na algibeira, como então noticiavam os jornaes, o  
cartão de socios d'algum centro... *eleitoral* ou d'algum  
centro... d'*instrucção* (!) republicano. Ora estes indi-  
viduos — como por parecidas razões os chefes revo-  
lucionarios da feição moral do snr. Affonso Costa, do  
snr. João Chagas e outros — não eram evidentemente  
os mais proprios para manter nas horas de perigo e  
de provação a grandeza d'alma que alenta a actual  
população monarchica das cadeias...

Ainda n'uma outra ordem d'ideias, é preciso notar  
que ao passo que os presos monarchicos são forta-  
lecidos, uns pela consciencia de soffrerem innocente-

mente o seu martyrio, o que dá ás almas uma resistencia de aço, e outros pela firmeza do seu credo politico ou religioso, todo feito d'abnegação e de sacrificio — já os presos republicanos, pelo contrario, não tinham em regra nenhum forte ideal que os illuminasse e amparasse.

Na generalidade, esses individuos eram meros especuladores, fazendo do revolucionarismo uma profissão por vezes rendosa ou servindo-se d'elle como taboleta de *réclame* para os seus officios de advogado, de medico, d'engenheiro, e por tanto nada propensos a affrontar os perigos inherentes á qualidade de revolucionario autentico ; — e outros, constituindo o grande numero, eram aquelle anonymo e heterogeno amalgama de criminosos communs, de inadaptaveis, d'insociaveis, d'epilepticos, de loucos moraes, que formam a massa de todos os partidos functionalmente revolucionarios, mas que estão longe de se entender obrigados a soffrer seja o que fôr por um principio qualquer d'ordem elevada.

Finalmente, ha ainda uma razão grave que impede os prisioneiros monarchicos de tombarem perante os seus torpes oppressores nas mesmas degradações a que estes desciam outr'ora, quando os seus repetidos azares os faziam experimentar as aliás attenuadas agruras do captiveiro. É o desprezo.

Quando a cainçalha republicana ladrinchava em torno d'El-Rei D. Carlos, toda essa cambada sentia perfeitamente que El-Rei D. Carlos era um nobre coração e uma grande figura de homem e de Monarcha ; por isso, chegadas occasiões como a do 28 de janeiro, quasi nenhum hesitava, nem tinha que hesitar, em utilizar-se das suas relações para impetrar directa ou indirectamente a facil protecção do generoso Soberano.

Quando o snr. Affonso Costa e os da sua igualha vituperavam nos comicios e nas gazetas o ministerio franquista, toda essa gente sabia muito bem que o snr. João Franco e os seus collegas de governo eram homens respeitaveis, e reconhecia no intimo que elles

pertenciam a uma categoria social e moral mais elevada que a sua. Por isso, quando acabava a fantochada das discursivas, e a coisa ameaçava de redundar em drama, quando o medo e o instinto da conservação, puxando-lhes pela sinceridade, desatarrachavam a esses mariolas a mascara d'accusadores austeros, cada um d'elles ia espontanea e naturalmente collocar-se no seu logar d'inferior. E era assim que o snr. Affonso Costa, como tantos dos seus outros « companheiros d'armas », não podia ter duvida, evidentemente, em despachar afressurados emissarios aos ministros franquistas, antes e depois do 28 de janeiro, implorando-lhes afflictivamente uma benevolencia que o não humilhava em extremo, porque não partia nem d'inferiores nem d'iguaes.

Quando uns Françaes Borges, por exemplo, escoicinhavam os magistrados do Estado monarchico, faziam-no um pouco movidos pela instinctiva aversão que lavra no fundo de todos os *voyous* contra todos os juizes e, um pouco tambem, exactamente pelo prazer que experimentam os meliantes em enxovalhar as pessoas cujo ascendente moral não podem esconder a si proprios. Mas por isso mesmo que os seus moveis e razões eram d'esta natureza, que escrupulo poderia impedil-os d'appellarem para a complacencia dos juizes calumniados, quando chegava a emergencia... de *tomarem a sério a cadeia?*

Mas imaginem o mais humilde aldeão de Traz-os-Montes, transportado para os carcereos de Lisboa, e posto ao facto da aventureosa existencia d'um Affonso Costa, d'um João Chagas, d'um França Borges, d'um... d'um qualquer dos personagens que lhe apparecem representativos da Republica que o tem preso. Digam-lhe o que significa na realidade a *justiça* que o vae julgar, constituida por uns pobres diabos que assignam os seus *veredicta* com o olho posto no cavallo-marinho do « carbonario » prompto a zurzil-os. Dispam assim esses representantes do regimen, aos olhos do rude camponez, não só de todos os attributos d'auctoridade legitima, mas de todas as

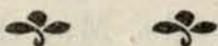
qualidades d'independencia, d'intelligencia, de si-  
zudez, d'honestidade pessoal, que elle mais ou menos  
confusamente considera como condição do exercicio  
do poder.

O que pode este homem sentir pelos seus perse-  
guidores, senão desprezo? Desde que os julga inde-  
vida e abusivamente investidos do mando, e os  
considera, afinal com razão, feitos d'uma massa in-  
ferior á sua, como pode elle admittir a legitimidade  
das represalias que o alvejam, até o ponto de se  
mostrar constricto? De tudo isto resultam vãos, e  
ridiculos sem deixarem de ser odiosamente infames,  
todos os excessos d'essa canalha, no sentido de redu-  
zirem os presos monarchicos a prosternar-se-lhe aos  
pés, imitando-a nas vergonhosas cobardias que ella  
praticava prra com os poderes publicos da Monar-  
chia.

Mas a lição de civismo e d'hombridade que lhes  
vem das cadeias não a acceitam de bom-grado, na-  
turalmente, os poltrões de hontem.

O que as suas victimas soffrem é o mau-humor da  
animalidade abjecta contra as lucilações do Espirito;  
é o odio da coruja contra a aguia. Quanto mais  
soffrem mais se elevam.

E mais capitalisam na sua conta, para o effeito de  
futuros ajustes...



**Nem** Viver no Portugal de hoje é para um  
**para** homem de bem um sacrificio tão penoso  
**morrer!** como para um homem lucido o passar os  
seus dias n'um manicomio, ou para uma

mulher honesta o encontrar-se n'um meio onde não  
acotovella senão prostitutas. Por isso quasi toda a  
gente digna, que o póde fazer sem prejuizo irreme-  
diavel, tem trocado o deprimente convivio nacional,  
tal como é n'esta era transitoria, por outras sociedades  
mais habitaveis, e onde domina uma moral collectiva  
que não é ditada por dirigentes escapos da grilheta.

Surge porem alguém que tendo renunciado a habitar em Portugal cuida em vão poder ao menos ir dar á terra da Patria os seus despojos, sem soffrer depois de morto as promiscuidades a que escrupulosamente se quiz esquivar em vida.

Tal foi o caso de Conselheiro José Novaes, o austerrissimo politico e honrado portuguez, que aqui passou semi-morto em Paris, ha algumas semanas, para ir soltar o ultimo alento dentro dos muros da cidade que elle amava com a exaltada paixão com que aos vinte annos se ama uma mulher.

Foi este moribundo recebido á sua entrada no Porto com vaias, assobios e apupos da canalha das tertulias republicanas. Está bem. Não era equitativo que a fauna criminosa que costuma ir a S. Bento saudar tratantes do genero do snr. Affonso Costa, do snr. Arriaga, do snr. Correia Barreto e outros não acolhesse o honrado José Novaes com manifestações diametralmente oppostas. Nem o illustre homem publico supportaria o contrario.

Mas, morto, soffreu então uma affronta suprema, que a foi a de lhe apparecer nos funeraes um fantoche fardado representando... o odioso flibusteiro que em Portugal figura de presidente do conselho!

Coisa macabra e vil!

Como estou longe, não sei o que terá feito a familia do grande homem de bem que foi alvo d'esta injuria repugnante e propositada. Mas de José Novaes sei eu, que se a sua figura gentil tivésse podido erguer-se d'entre as taboas do caixão em que jazia, era para correr a ponta-pé o alcaio de farda que se permittia tomar logar no cortejo — visto não ir ali em pessoa o insolente garoto que o lá mandára !...

ANNIBAL SOARES.



